Ana Carolina Araújo de França

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 22: O ESTÁGIO DOCENTE COMO ESPAÇO FORMATIVO: PARA ALÉM DA FORMALIDADE, A ESCOLA COMO UNIVERSO COMPLEXO E INTERSECCIONAL

“O FAZER DOCENTE COM EQUIDADE DE GÊNERO E RAÇA”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OS DESAFIOS DE ORIENTAR PROJETOS DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

São Paulo, SP

2025

"O FAZER DOCENTE COM EQUIDADE DE GÊNERO E RAÇA": UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OS DESAFIOS DE ORIENTAR PROJETOS DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Carolina Araújo de França[1]

INTRODUÇÃO

As histórias e as contribuições dos povos subalternizados, dentre os quais os povos negros, são marcadas por um contínuo de discriminação, silenciamentos e invisibilidade. Quando se trata de mulheres negras essa discriminação e invisibilidades são realçados. Falsear a realidade apresentando feixes parciais dela é estratégia proposital e usada constantemente para manter os privilégios injustos.

O racismo e o machismo como instrumentos de poder foram e ainda são utilizados como mecanismo de desumanização das mulheres negras, conforme aponta Djamila Ribeiro (2018) e Sueli Carneiro (s.d.). Sendo assim, ajudam a manter as desigualdades e condições de exploração que vivem essas mulheres.

Deixar as situações de desigualdades invisíveis, silenciar a diversidade da experiência sócio-histórica das mulheres negras é reforçar a visão reducionista que uma história única proporciona (ADICHIE, 2019). Desde a sanção da Lei 10.639/2003, da Lei 14.164/2021 e, mais recentemente, da Lei nº 14.986/2024 as escolas e seus profissionais são convocados a refletir e implementar uma educação com equidade étnico-racial e de gênero.

No intuito de fazer ecoar essas vozes silenciadas propus um trabalho de pesquisa intitulado: *"A rebentação do silêncio: a contribuição de Tia Simoa na luta pela liberdade negra cearense"*, cujo objetivo principal era resgatar e destacar a contribuição dessa importante mulher na história de luta e resistência negra contra a escravidão no Ceará. Ao visibilizar a trajetória dessa liderança estamos, conforme aponta Ribeiro (2018), "estilhaçando a máscara do silêncio" imposta às mulheres negras no Brasil, assim como outrora as ondas do mar rebentaram os costados dos cruéis e desumanos navios negreiros.

[1] Mestra em ciências sociais pela UFRN e Professora da rede básica de educação do Ceará, ana.franca3@prof.ce.gov.br

O desenvolvimento do projeto de pesquisa e seu tema nasce em cumprimento do previsto pelo Ceará Científico (CC) - ação promovida pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc), cujo objetivo é incentivar e apoiar ações de educação científica como ferramenta pedagógica e metodológica para o ensino. Em 2024 o tema norteador escolhido pela Seduc foi: "*Equidade de gênero e proteção às mulheres*".

Nesse sentido, o trabalho é um relato de experiência sobre o trabalho, os desafios e resultados alcançados no desenvolvimento do projeto. Apesar da sensibilidade, urgência e relevância do tema, a pesquisa revelou dificuldade de visibilizar histórias dos grupos subalternizados, sendo um dado muito presente a escassez de fonte sobre a Tia Simoa. Além disso, a proposta pedagógica do CC revela as grandes distâncias entre a efetividade de metodologias ativas, seja pela falta de estrutura das escolas e dos currículos, seja pela deficiência na formação docente que fomente a produção e execução de projetos como prática do fazer pedagógico.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido em várias etapas com a turma da 1ª série D da Escola Estadual de Ensino Médio Beni Carvalho. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e documental. A culminância dos resultados produzido um fanzine, que contava a história de luta de Tia Simoa. Para esse trabalho adota-se como metodologia a etnografia.

A primeira etapa do projeto consistiu na sensibilização e introdução do tema, por meio de encontros com os alunos, leituras orientadas e discussão sobre a invisibilidade das mulheres negras na história. A segunda etapa da pesquisa consistiu na orientação para a pesquisa bibliográfica e documental. Nessa etapa, os alunos foram divididos em grupos e orientados a realizar uma pesquisa bibliográfica e documental sobre Tia Simoa e o contexto histórico em que ela viveu. Enquanto a pesquisa documental contou com o levantamento de informações sobre a vida e legado de Tia Simoa em documentos como livros, revistas, websites, biblioteca escolar e municipal do Aracati/CE. Com as informações levantadas os alunos fizeram um fanzine sobre a história de Tia Simoa.

A análise dos documentos nos levou à constatação da majoritária ausência de referências à Tia Simoa, Greve dos Jangadeiros ou a outras lideranças do movimento. Quando aparecem são menções breves e, no geral, ligadas à Francisco José do Nascimento/Dragão do Mar ou apenas ao movimento da Greve dos Jangadeiros. Os 2 livros didáticos usados pela turma não

fazem referência a esse episódio histórico e a suas lideranças. Já as 13 obras sobre história do Ceará disponíveis na biblioteca escolar e na biblioteca municipal mapeadas pelos alunos, apenas 5 comentam sobre a Greve dos Jangadeiros e/ou sobre sua figura mais emblemática Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar. Desses, uma única obra faz referência à participação feminina em um movimento da Sociedade Cearense Libertadora, na figura de Maria Tomásia e "da mulher de Chico da Matilde" (Dragão do Mar). Enquanto isso, as informações levantadas sobre Tia Simoa foram conseguidas via pesquisa nos websites, embora por meio de artigos ou notícias curtas.

O projeto enfrentou desafios, como a escassez de fontes históricas sobre Tia Simoa e a dificuldade de participação dos alunos no seu desenvolvimento, em especial por se tratar de uma proposta didática que o protagonismo juvenil era essencial. No entanto, o papel desempenhado pelo docente foi além do orientar, cabendo a ele a maior parte da costura e construção deste trabalho.

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente a contribuição, trajetória e saberes das mulheres negras foram sistematicamente invisibilizadas. Como sujeitos sociais elas têm sua vida marcada pela desumanização promovida pela visão patriarcal e racista, limitando-as às imagens estereotipadas e subordinadas. Djamila Ribeiro (2018, pg. 24) parafraseando a intelectual Lélia Gonzalez, afirma que as mulheres negras *"são tratadas como infans, aquelas por quem se fala, que não falam por si*". Isto é, nega-lhes o direito a voz, silenciando-as, pois sua capacidade (cognitiva, emocional, social, política) de falar por si é subestimada.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019) alerta para os perigos de uma história única, na qual se visibiliza apenas as perspectivas das elites dominantes. Conforme aborda a autora: "*É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. O poder é a habilidade não apenas de contar outra história, mas de fazer que ela seja a história definitiva*" (ADICHIE, 2019, pg. 12). Assim, a forma como são contadas, quem as contas, quando se conta uma história podem produzir uma visão reduzida e equivocada dos grupos sociais.

A história contada sobre as mulheres negras é marcada, como aponta Ana Célia Silva (2005), por dois mecanismos: a invisibilidade e o estereótipo. Toda experiência social, suas contribuições, criações, saberes são diminuídos e invisibilizados. Quando não silenciadas, as mulheres negras são recorrentemente estereotipadas, associadas a figuras subservientes e/ou

hipersexualizadas (SILVA, 2005; RIBEIRO, 2018) Reiterando um processo programado de desumanização.

Fato este que se comprova com os resultados da pesquisa, que trouxe como dado a escassez de fontes sobre a trajetória de Tia Simoa e com o relato desumanizado da única menção que faz à participação feminina, na qual a "mulher de Chico da Matilde" não têm seu nome próprio referido.

Enquanto orientadora e proponente do projeto me deparei com problemáticas e desafios, que revelam as grandes distâncias entre as ações educacionais da rede de ensino do Ceará (através do Ceará Científico) e a realidade do ensino regular.

A adoção de metodologias ativas como jogos, aplicação de projetos, resolução de situações-problemas e outras estratégias se apresentam como alternativas para repensar os processos de ensino-aprendizagem, onde o jovem estudante é provocado a exercitar e construir competências e habilidades gerais consideradas essenciais na formação escolar e cidadã, incluindo a do exercício da curiosidade intelectual com abordagem científica, assim como prevê a BNCC (2017). Essa competência dialoga com a proposta do Ceará Científico, enquanto ação que incentiva a aprendizagem a partir da educação científica e o desenvolvimento de projetos escolares. No entanto, a proposta se esbarra no abismo que há entre a proposta da Seduc e a realidade dos estudantes do ensino médio regular. Como garantir que o estudante mobilize habilidades de investigação a partir de um projeto aos moldes científicos (objetivos, discussão teórica, metodologia e etc.) quando ele chega ao ensino médio com graves defasagens de aprendizagens em leitura, interpretação de texto e escrita? Quando falta estrutura didática e física para desenvolver essas ações. Quando as salas estão superlotadas. Além disso, como a docente vai lidar com a falta de tempo pedagógico para organizar e orientar o projeto? Como também a falta de tempo para planejamento; de condições físicas da escola e, em especial, com as grandes lacunas de aprendizagem entre os alunos que chegam ao ensino médio?

Na prática, poucos alunos se envolvem no processo e desenvolvem pequenas tarefas ou "pedaços" do projeto, cabendo ao professor propor, orientar, organizar e escrevê-lo. Portanto, é uma proposta de aprendizagem pouco efetiva para contextos escolares com turmas superlotadas, escolas pouco equipadas, estrutura curricular e uma formação docente ainda desenhada para atuar somente entre as paredes da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados levantados pelas atividades de pesquisa, discussão e produção do fanzine evidenciaram a ausência de Tia Simoa em materiais didáticos e históricos analisados durante o projeto, reforçando a tese do silenciamento e da invisibilidade das contribuições das mulheres negras e suas experiências civilizatórias na historiografia tradicional.

As breves menções à greve dos jangadeiros e as suas lideranças também corroboram para a fortalecer a tese da invisibilidade. Ademais, os materiais online revelam uma preocupação em dar voz e resgatar as contribuições e histórias esquecidas, pois como afirma Adichie (2019), as histórias também podem ser usadas para empoderar e humanizar.

A proposta também evidência as desigualdades educacionais e o descompasso entre propostas educativas mais ativas e a realidades do "chão da sala de aula". Revelando que não basta pensar na adoção metodologias mais ativas, que privilegiam autonomia, o protagonismo juvenil e desenvolvimento de habilidades educacionais e cidadã, se as condições objetivas não forem dadas para seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ADICHIE. Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5819069/mod_resource/content/1/Chimamanda%20Ngozi%20Adichie%20-%20O%20perigo%20de%20uma%20hist%C3%B3ria%20%C3%BAnica-Companhia%20das%20Letras%20%282019%29.pdf>. Aceso em: 05/08/2024.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 09. Jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em:05/08/2024.

CARNEIRO. Sueli. **Enegrecer o feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. (s.d.). Disponível em:< https://www1.unicap.br/neabi/?page_id=137>. Acesso em: 05/08/2024.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA. K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 143-154.

MORAIS, Cleidiane; OLIVEIRA, Andressa. Preta Tia Simoa e o silenciamento de heroínas negras na História do Brasil. A verdade, 2024. Disponível em:

<https://averdade.org.br/2024/03/preta-tia-simoa-e-o-silenciamento-de-heroinas-negras-na-historia-do-brasil/>. Acesso em: 19/08/2024.

REGULAMENTO DO CEARÁ CIENTÍFICO 2024. Disponível em: <https://www.crede10.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/128/2024/04/CEARA-CINETIFICO-REGIONAL.docx-1.pdf>.

RIBEIRO. Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo, Companhia das Letras: 2018.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA. K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.21-37.